

Texto preservado-v9.

Aqui estamos outra vez em nome do Soberano Criador dos céus e da terra, o Senhor Jesus Cristo. Dando prosseguimento às evidências, agora trato da questão: a transmissão do Texto foi normal?

Começando com Saulo de Tarso, os cristãos foram perseguidos cá e lá por todo o Império Romano até que Constantino deu um alívio em 312 d.C. As perseguições incluíram a destruição esporádica de cópias do Novo Testamento, no todo ou em parte, cá e lá. Mas em 303 d.C., Diocleciano decretou a mais severa perseguição que o cristianismo tinha experimentado até aquele ponto. Incluía a queima dos livros sagrados; eles deveriam ser destruídos, onde quer que fossem encontrados. Embora a perseguição fosse do Império inteiro, foi especialmente severa na Ásia Menor, onde o cristianismo era o mais forte, e continuou por pelo menos dez anos.

Muitos MSS foram encontrados, ou traídos, e queimados, mas outros certamente escaparam. Que muitos cristãos não pouparam esforços para esconder e preservar suas cópias das Escrituras é demonstrado por sua atitude em relação àqueles que entregaram seus MSS – o cisma Donatista que imediatamente seguiu à campanha de Diocleciano, tratou, entre outras coisas, da questão da punição para aqueles que haviam entregado os MSS. Os cristãos, cuja inteira devoção às Escrituras foi assim demonstrada, seriam também os que seriam os mais cuidadosos com a linhagem de seus próprios MSS; assim como eles se esforçavam para proteger seus MSS, presumivelmente teriam se esforçado para garantir que seus MSS preservassem a verdadeira redação.

Aliás, a campanha de Diocleciano pode até ter tido um efeito purificador sobre a transmissão do texto. Se a atitude de desleixo em relação ao texto refletida na disposição de alguns cristãos de entregar seus MSS também se estendeu à qualidade do texto que eles estavam preparados para usar, então pode ter sido os MSS mais contaminados que foram destruídos, grosso modo, deixando os MSS mais puros para reabastecer a terra. Mas esses MSS puros sobreviventes seriam demandados de maneira extraordinariamente pesada para serem copiados (para substituir aqueles que haviam sido destruídos) e seriam desgastados mais rápido que o normal. [Aqui havia uma excelente oportunidade para os tipos de texto 'alexandrino' e 'ocidental' se projetar e tirar 'espaço' do texto bizantino, mas não aconteceu. A Igreja rejeitou aqueles tipos de texto. Com que base os críticos modernos se julgam mais competentes de identificar o Texto verdadeiro do que a Igreja universal no começo do século IV?]

Mas voltando à nossa pergunta: a transmissão foi normal? Sim e não. Presumindo que os fiéis eram pessoas de integridade e inteligência pelo menos medianas, eles produziram cópias razoáveis dos manuscritos que haviam recebido da geração anterior, pessoas em quem confiavam, tendo segurança que estavam transmitindo o texto verdadeiro. Haveria erros acidentais nos seus trabalhos de copiar, mas não alterações propositadas. Mas havia outros que expressaram interesse nos escritos do NT, pessoas às quais faltava integridade, e que faziam suas próprias cópias com intenção maliciosa. Haveria erros acidentais em seu trabalho também, mas também alteração deliberada do texto. Vou traçar primeiro a transmissão normal.

A transmissão normal

Já vimos que os fiéis reconheceram a autoridade dos escritos do NT desde o princípio — se não fosse assim, estariam rejeitando a autoridade dos apóstolos, e como conseqüência não estariam entre os fiéis. A uma honestidade básica seria acrescentada a reverência no seu lidar com o texto, desde o princípio. E a esta seria acrescentada a vigilância, visto que os apóstolos os haviam advertido, repetida e enfaticamente, acerca de falsos mestres.

Com a procura sempre crescente e a conseqüente proliferação de cópias em todo o mundo greco-romano, e com a possibilidade de verificar cópias recorrendo aos centros que ainda possuíam os autógrafos, a situação inicial do texto era presumivelmente altamente favorável à ampla disseminação de MSS em estreita concordância com o texto original. Podemos razoavelmente entender que pelos primeiros anos do segundo século a disseminação de tais cópias teria sido bem ampla, com a conseqüência lógica que a forma de texto nelas incorporada logo ficaria consolidada e entrincheirada em toda a área de sua influência.

As considerações que acabamos de colocar são cruciais a uma compreensão adequada da história da transmissão do texto, porque indicam que uma tendência básica ficou estabelecida logo no princípio — tendência que continuaria inexoravelmente até o advento do texto impresso do NT. Digo “inexoravelmente” porque, dado um processo normal de transmissão, a ciência da probabilidade estatística demonstra que uma forma de texto em tais circunstâncias dificilmente poderia ser deslocada de sua posição dominante — as probabilidades contra uma forma concorrente de texto jamais alcançar atestação majoritária seriam proibitivas, isso não importando quantas gerações de MSS pudessem existir.¹ Seria necessário um transtorno

¹ A demonstração que justifica minha afirmação encontra-se no Apêndice C de meu livro, *The Identity of the New Testament Text IV*. Ele pode ser comprado na Amazon.com, ou baixado do meu site, www.prunch.org.

muito incomum na história de transmissão para dar margem a que uma forma de texto aberrante chegasse a predominar. Não conhecemos nenhum lugar na história que dê espaço para tal transtorno.

O argumento baseado em probabilidade se aplica também a escritos seculares, além do NT, e não leva em conta qualquer preocupação extraordinária pela pureza do texto. Contudo, tenho argumentado que os primeiros cristãos realmente tinham uma preocupação especial por suas Escrituras e que essa preocupação acompanhou a difusão do Cristianismo. Assim, Irineu claramente levou para Gália a sua preocupação pela pureza do texto (que se estendia até o nível de uma só letra) e sem dúvida influenciou os cristãos daquela região. O ponto relevante é que a forma de texto dos autógrafos do NT tinha uma grande vantagem sobre aquela de qualquer literatura secular, de sorte que sua posição dominante se tornaria ainda maior do que a sugerida pelo argumento da probabilidade, e ainda mais se os autógrafos foram 'publicados' como cópias múltiplas. A rápida multiplicação e dispersão de boas cópias elevaria a níveis intransponíveis qualquer oportunidade para formas de texto aberrantes ganharem qualquer tipo de aceitação ou uso generalizado.¹

Segue-se que, dentro de relativamente poucos anos após os livros do NT serem escritos, surgiu rapidamente um texto 'majoritário' cuja forma era essencialmente aquela dos próprios Autógrafos. Esta forma de texto, no decorrer natural das coisas, continuaria a se multiplicar e em cada geração sucessiva de cópias continuaria a ser exibida na massa dos manuscritos existentes. Enfim, teria uma transmissão 'normal'. A lei da oferta e demanda opera dentro da Igreja, assim como em outros lugares. Verdadeiros crentes estariam muito mais interessados em obter cópias dos escritos do NT do que pessoas que não eram. Os opositores do cristianismo, que poderiam tentar confundir a questão produzindo cópias alteradas, teriam um 'mercado' muito menor para seu trabalho.

¹ Tenho evitado introduzir qualquer argumento baseado na providência de Deus, até aqui, porque nem todos aceitam tal raciocínio e porque a superioridade do Texto Tradicional pode ser demonstrada sem se recorrer a tais raciocínios. Assim, creio que a argumentação a partir das probabilidades estatísticas, acima oferecida, é válida como ela se encontra. No entanto, embora eu não tenha argumentado com base na Providência, quero que o leitor entenda que, pessoalmente, não creio que a preservação do verdadeiro texto foi tão mecanística quanto a discussão acima poderia sugerir. Da evidência previamente apresentada, parece claro que um grande número das leituras variantes (talvez a maioria das leituras maliciosas) que existiram no segundo século simplesmente não sobreviveram — não temos nenhuma testemunha conhecida a favor deles. Podemos razoavelmente concluir que os antigos cristãos foram "cães de guarda" conscientes e capazes do texto verdadeiro. Eu gostaria de crer que eles foram ajudados e assistidos pelo Espírito Santo. Nesta hipótese, a segurança do texto é consideravelmente maior do que aquela sugerida somente pela probabilidade, incluindo a proposição que nenhuma das palavras originais foi perdida.

O uso de designações como ‘sírio’, ‘antioqueno’ e ‘bizantino’ para o Texto Majoritário reflete sua ligação generalizada com aquela região. Não conheço nenhuma razão para duvidar que o texto ‘bizantino’ é de fato a forma de texto conhecida e transmitida na região Egeia desde o princípio.

Em suma, creio que a evidência claramente favorece aquela interpretação da história do texto que vê a transmissão normal do texto centrada na região Egeia, a área melhor qualificada, sob todos os aspectos, para transmitir o texto, desde o princípio. O resultado dessa transmissão normal é o tipo de texto ‘bizantino’. Em cada época, incluindo os séculos II e III, ele tem sido o texto tradicional.¹

Assim sendo, afirmo que o texto do NT teve uma transmissão normal, isto é: a plenamente previsível difusão e reprodução de cópias fieis dos autógrafos desde os primeiros anos ao longo da história da transmissão até que a disponibilidade de textos impressos colocou ponto-final na prática de copiar a mão.

A transmissão anormal²

Voltando agora para a transmissão anormal, sem dúvida ela começou junto com a normal. Os próprios escritos apostólicos contêm fortes reclamações e advertências contra atividades heréticas e maliciosas. À medida que o Cristianismo se espalhou e começou a impactar o mundo, nem todas as pessoas o aceitaram como ‘boas novas’. Vários tipos de oposição surgiram. Também surgiram divisões dentro da comunidade cristã global — no próprio NT nota-se o começo de alguns desses desvios. Em alguns casos fidelidade a uma posição ideológica (teológica) evidentemente tornou-se mais importante do que fidelidade ao texto do NT. Certo é que alguns dos líderes da Igreja que escreveram durante o segundo século se queixaram amargamente das alterações propositadas do Texto feitas pelos “hereges”. Grandes partes dos escritos existentes dos primeiros líderes se ocupam precisa e exclusivamente

¹ Dentro do largo rio bizantino existem dúzias de ribeirões (lembrar que F. Wisse isolou 36 grupos, que incluem 70 subgrupos), mas a maior (de longe) linha de transmissão distinguível é Família 35, o fluxo central, e foi explicitamente esta família que Deus usou para preservar a redação original. Favor de ver a Parte II para uma explicação maior.

² Tenho sido acusado de incoerência por criticar W-H por tratarem o NT como qualquer outro livro enquanto, todavia, eu próprio afirmo uma "transmissão normal" para o Texto Majoritário. Não procede; eu me refiro à transmissão normal de um Texto inspirado, o que W-H negaram. Refiro-me a cristãos copiando um texto que **eles** criam ser inspirado. Além disso, eu também reconheço uma "transmissão anormal", enquanto W-H não o fizeram. Fee distorce seriamente minha posição, por ignorar minha discussão da transmissão anormal (G.D. Fee, "A Critique of W.N. Pickering's *The Identity of the New Testament Text: A Review Article*", *The Westminster Theological Journal*, XLI [Spring 1979], pp. 404-08) e representando distorcidamente minha visão da transmissão normal (*Ibid.*, p. 399). Eu mantenho que 95% das variantes, os óbvios erros de transcrição, se enquadram (na maior parte) na transmissão normal, ao passo que os 5% restantes, as variantes "significativas", se enquadram na transmissão anormal.

com o combate aos hereges. É claro que durante o segundo século, e talvez já no primeiro, tais pessoas produziram muitas cópias dos escritos do NT incorporando as suas alterações.¹ Algumas aparentemente foram largamente circuladas por algum tempo. O resultado foi uma mistura de leituras variantes para confundir os mal informados e enganar os incautos. Tal cenário era totalmente previsível. Se o NT é de fato a Palavra de Deus, então tanto Deus quanto Satanás devem ter vivo interesse na sua situação. Abordar a crítica textual do NT sem levar isto devidamente em conta é agir irresponsavelmente.

A maior parte do estrago foi feito até 200 d.C.

É geralmente aceito que a maioria das variantes significativas já existiam até o final do segundo século. Colwell afirmou: “A maioria esmagadora das leituras foi criada antes do ano 200.”² Décadas antes dele Scrivener disse: “Tanto é de acordo com os fatos, quanto soa paradoxal, que as piores corrupções às quais o Novo Testamento já foi submetido tiveram origem dentro dos cem anos que se seguiram à sua composição.”³ Kilpatrick comentou a evidência dos papiros mais antigos.

Vamos considerar nossos dois manuscritos mais ou menos dessa data [200 d.C.] que contêm partes de João, o Papiro Chester Beatty e o Papiro Bodmer. Eles trazem mais ou menos setenta versículos em comum. No espaço desses setenta versículos eles discordam entre si umas setenta e três vezes, afora equívocos.

Além disso, no Papiro Bodmer o copista original freqüentemente corrigiu o que havia primeiro escrito. Em alguns lugares ele corrigia os próprios equívocos, mas em outros ele substituía uma forma de frase por uma outra. Em mais ou menos setenta e cinco dessas substituições ambas as alternativas são conhecidas independentemente a partir de outros manuscritos. O copista está de fato substituindo uma variante por uma outra em cerca de setenta e cinco lugares, de sorte que podemos concluir que no tempo dele já havia variação nesses pontos.⁴

¹ J.W. Burgon, *The Revision Revised* (London: John Murray, 1883) pp. 323-24.

² E.C. Colwell, “The Origin of Texttypes of New Testament Manuscripts”, *Early Christian Origins*, ed. Allen Wikren (Chicago: Quadrangle Books, 1961), p. 138.

³ F.H.A. Scrivener, *A Plain Introduction to the Criticism of the New Testament*, quarta edição, editada por E. Miller (2 Vols.; London: George Bell and Sons, 1894), II, 264.

⁴ G.D. Kilpatrick, “The Transmission of the New Testament and its Reliability,” *The Bible Translator*, IX (July, 1958), 128-29.

Zuntz também reconheceu tudo isso. “A crítica moderna pára diante da barreira do segundo século. Parece ser a época de liberdades incontidas para com o texto.”¹

Kilpatrick prossegue argumentando que a criação de novas variantes cessou por volta de 200 d.C. porque se tornou impossível ‘vendê-las’. Ele discute algumas das tentativas de Orígenes de introduzir uma mudança no texto, e prossegue:

O tratamento dado por Orígenes a Mateus 19:19 é significativo de duas outras maneiras. Primeiro ele era provavelmente o comentarista mais influente da Igreja antiga e mesmo assim a sua conjectura parece ter influenciado só um manuscrito numa versão local do NT. A tradição grega aparentemente não sofreu nenhuma influência dela. A partir do terceiro século nem mesmo um Orígenes podia efetivamente alterar o texto.

Isto nos leva para o segundo ponto significativo — sua data. A partir do começo do terceiro século a liberdade para alterar o texto que havia obtido anteriormente não mais podia ser praticada. Taciano é o último autor, de quem temos informação explícita, a fazer mudanças propositadas no texto. Entre Taciano e Orígenes a opinião cristã mudou tanto que não era mais possível fazer alterações no texto, fossem inofensivas ou não.²

Kilpatrick acha que essa atitude foi uma reação contra o remanejamento do texto pelos hereges do segundo século. Certamente houve um grande clamor, e qualquer que seja a razão, parece que houve pouco prejuízo adicional após o ano 200 d.C. [Creio que podemos entender, com alguma razão, que variantes que só aparecem mais tarde, dentro de manuscritos conhecidos, de fato foram criadas bem antes.] Entretanto, eu certamente discordo da “liberdade para alterar o texto que havia obtido anteriormente” de Kilpatrick; não havia tal ‘liberdade’, era a perversidade dos inimigos da verdade.

As formas de texto aberrantes

O alcance das dificuldades textuais do segundo século facilmente pode ser exagerado. Mesmo assim, a evidência citada realmente prova que formas aberrantes do texto do NT foram produzidas. Naturalmente, algumas delas podem ter obtido aceitação local e temporária, mas mal poderiam se tornar mais que pequenos remansos à beira do rio ‘majoritário’. Lembre-se de que a

¹ G. Zuntz, *The Text of the Epistles* (London: Oxford University Press, 1953), p. 11.

² Kilpatrick, "Atticism and the Text of the Greek New Testament," *Neutestamentliche Aufsätze* (Regensburg: Verlag Friedrich Pustet, 1963), pp. 129-30.

possibilidade de conferir com os autógrafos, ou cópias garantidas, deve ter servido para inibir a difusão de tais formas de texto.

Por exemplo, Gaio, um líder ortodoxo que escreveu próximo ao fim do segundo século, citou por nome quatro hereges que não só alteraram o texto do NT mas tinham discípulos que multiplicaram cópias de suas versões. De interesse especial aqui é a sua afirmação que eles não podiam negar a sua culpa por não poderem produzir os originais nos quais eram baseados as suas cópias.¹ Isto seria uma acusação vazia da parte de Gaio se também ele não podia produzir os originais. Já tenho argumentado que as igrejas na Ásia Menor, por exemplo, ainda possuíam os autógrafos ou cópias exatas que eles mesmos haviam feito — assim eles **sabiam**, absolutamente, qual era a redação verdadeira e podiam repelir as formas aberrantes com confiança. Um homem como Policarpo seria capaz de afirmar em 150 d.C., letra por letra se fosse o caso, a redação original do texto para a maior parte dos livros do NT. E presumivelmente os seus manuscritos não foram queimados junto com ele.

Não somente haveria pressão procedente dos autógrafos, mas também pressão exercida pelo já estabelecido ímpeto de transmissão detido pela forma de texto majoritária. Como já mostramos, a probabilidade estatística operando contra formas aberrantes do texto seria fulminante. Em outras palavras, apesar da existência de um sortimento atordoador de variantes, a julgar pelas testemunhas conhecidas (e essas variantes realmente exerceram uma influência perturbadora no fluxo da transmissão), elas não poderiam ser bem-sucedidas em frustrar o progresso da transmissão normal.

¹ Cf. Burgon, *The Revision Revised*, p. 323.